

Da coleção “I gettoni” para o mercado brasileiro: a tradução de escritores gettonianos, por Fabiana V. Assini

em dezembro 25, 2020



No início da década de 1950, na editora italiana Einaudi, é pensada e criada a coleção literária “I gettoni”, que ficou ativa ao longo da década, entre os anos de 1951 e 1958. Dirigida pelo escritor Elio Vittorini, a coleção buscava, de certa maneira, renovar a literatura italiana promovendo novos escritores, dentre os quais podemos citar: Beppe Fenoglio, Mario Rigoni Stern, Franco Lucentini e Lalla Romano. Porém, a coleção também abria espaço para narradores que já tinham publicações, dando ênfase para aqueles que tivessem algo de inovador e experimental em suas narrativas. Em sua trajetória foram publicados 41 escritores italianos e 8 escritores estrangeiros (Jorge Luis Borges e Marguerite Duras são dois exemplos), totalizando em seu encerramento 58 títulos.[1]

Dentre os escritores italianos que participaram da coleção “I gettoni”, apenas sete foram traduzidos no Brasil. E não estamos nos referindo, neste primeiro momento, às obras *gettonianas* desses escritores, mas considerando qualquer obra escrita por eles. E quais seriam esses escritores?

Carlo Cassola, Giovanni Arpino, Beppe Fenoglio, Anna Maria Ortese, Giuseppe Bonaviri, Italo Calvino e Leonardo Sciascia.

Em relação ao Calvino e ao Sciascia, suas obras traduzidas no Brasil não foram contabilizadas neste momento, pois são os escritores *gettonianos* mais traduzidos aqui no país, tendo mais de dez traduções cada um. O que pode nos indicar, em uma primeira análise, que são escritores já conhecidos ao público brasileiro e com boa recepção. Afinal, não faz muito sentido traduzir um escritor se ele não é minimamente vendável ou interessante ao público-alvo das editoras que os traduziram. Por isso, ambos foram deixados de lado nessa primeira pesquisa, de modo a ser possível dar mais atenção e ênfase no mapeamento dos demais escritores traduzidos, que juntos mal totalizam metade das obras calvinianas traduzidas.

Anos 1960

Um fato curioso é que apesar de Italo Calvino (1923-1985) e Leonardo Sciascia (1921-1989) serem – dentro dessa seleção da coleção “I gettoni” – os escritores mais traduzidos, eles não foram os primeiros a chegarem no mercado editorial brasileiro. Esse papel é de Giovanni Arpino (1927-1987), nos anos iniciais da década de 1960. Na Itália, Arpino estreou na literatura sendo o décimo escritor a integrar a coleção *gettoniana* com: *Sei stato felice, Giovanni*, em 1952. Os anos 60, aqui no Brasil, é um momento bastante complicado, se temos em mente o golpe de 1964, e é bem nessa época que Arpino é traduzido e publicado pela Editora Civilização Brasileira. A primeira tradução é de 1963, *Um crime de honra*, seguido de *Um momento de ira*, em 1964, e *d'A sombra das colinas*, em 1965.[2] Tais obras foram lançadas na Itália com poucos anos de diferença, isto é, eram obras recentes de Arpino. A diferença entre o lançamento na Itália e a tradução brasileira é de no máximo dois anos.

A Civilização Brasileira foi criada em 1929, mas em 1932 acaba se tornando um selo editorial da Editora Nacional,[3] para abrigar livros de ficção e não didáticos. Com a direção de Ênio Silveira, o selo começa a ter um acervo maior, e já no final da década de 1950, a Civilização se torna uma das principais editoras do país. Porém, por posições políticas divergente às do diretor da Editora Nacional, Octalles Marcondes Ferreira, em 1963 acontece a separação dessas duas editoras. Então, Ênio Silveira, com o controle total da Civilização Brasileira, renova completamente a imagem da empresa, e faz alterações importantes no aspecto físico do livro.[4]

É interessante considerar que o italiano Giovanni Arpino é traduzido pela editora justamente nesse movimento de renovação editorial, até mesmo de um investimento no próprio catálogo da editora. Com isso, podemos ver Arpino como um escritor que contribuiu com essa renovação. Embora Ênio Silveira estivesse fomentando o acervo da Civilização, as escolhas dos títulos não parecem ser aleatórias. Existe uma razão para traduzir Arpino, e uma possível hipótese diz respeito às temáticas dos livros do italiano. Após o golpe de 1964, muitos livros foram confiscados nas livrarias e editoras, e a Civilização Brasileira foi um grande alvo da ditadura, pois Ênio Silveira tinha uma posição política oposta à do governo. Esse confisco envolvia livros que falassem de comunismo, livros de autores que eram *persona non grata* do governo, livros traduzidos do russo e livros com capas vermelhas. E uma das obras de Arpino, *Um momento de ira*, traz a temática comunista, com uma trama que apresenta três militantes comunistas que se envolvem num triângulo amoroso. Essa temática pode ter sido um fator que favoreceu de algum modo a escolha por traduzi-lo. Além disso, sua primeira obra traduzida, que é *Um crime de honra*, chegou a ser finalista no Prêmio Strega de 1961, um fator que pode ter sido expressivo para chamar a atenção da editora brasileira, uma vez que esse é um importante prêmio italiano que indica para além dos gostos literários, os próprios movimentos da cultura italiana ao longo dos anos.

A última obra traduzida de G. Arpino tem uma distância de mais de trinta anos desde *A sombra das colinas* (de 1965). Trata-se do livro *A escuridão e o mel*, lançada em 2001, na coleção “Letras italianas” da Berlendis & Vertecchia. Um romance que chega aqui no Brasil pela adaptação cinematográfica: *Perfume de mulher*, de 1992, dirigido por Martin Brest e com Al Pacino no elenco: um remake norte-americano do filme italiano: *Profumo di donna*, do diretor Dino Risi, de 1974.

Anos 1970 e 1980

Depois de Arpino, temos a chegada de Italo Calvino, no início da década de 1970, sendo o único desse levantamento dos escritores *gettonianos* a ter a sua obra originalmente publicada em “I gettoni” traduzida no Brasil, que seria *O visconde partido ao meio*. Sua narrativa de estreia aqui no país se deu quase duas décadas depois de seu lançamento na Itália, que foi em 1952.

Já ao fim dos anos 70, temos a estreia de Leonardo Sciascia com *O contexto* (1979) lançado pela Civilização Brasileira, e nesse mesmo ano a tradução de Carlo Cassola (1917-1987), com *O homem e o cão* (que ganhou o prêmio italiano Bagutta em 1978), seguido de *Um homem só*, em 1980. Ambos os volumes de Cassola foram editados pela Editora Fontana junto ao Instituto Italiano de Cultura. Da mesma forma que ocorreu com Arpino, os títulos de Cassola escolhidos para a tradução foram lançados, na Itália, poucos anos antes: em 1977 e 1978, respectivamente, tendo assim uma distância de dois anos entre a obra italiana e sua tradução brasileira.[5]

Anos 1990

Quinze anos depois da segunda publicação de Carlo Cassola, temos a tradução de Anna Maria Ortese (1914-1998), a décima sétima escritora de “I gettoni”. A sua estreia na literatura italiana é anterior à sua colaboração à coleção italiana. Se para a coleção da Einaudi ela escreve *Il mare non bagna Napoli*, em 1953, é com sua primeira coletânea de contos, de 1937, intitulada *Angelici dolori* que Ortese chega ao público brasileiro. A tradução, *O pássaro da dor*, foi lançada em 1995 pela editora Companhia das Letras, detentora das publicações de Calvino aqui no Brasil. Ao longo de sua carreira literária, Ortese ganhou diversos prêmios, mas nenhum com seu livro de estreia, o que poderia ser um fator relevante para entender a escolha de *O pássaro da dor*. A Companhia das Letras é uma editora nascida em meados da década de 1980, pós-ditadura militar, e “destaca-se pela qualidade dos textos que escolhe, pelo cuidado que dedica à tradução, pelo bom gosto de suas capas e pela atenção que empresta à apresentação gráfica e artística”.[6]

Anos 2000

O início do século XXI é marcado pela tradução dos dois últimos escritores que encerram esse setenário: Beppe Fenoglio (1922-1963) e Giuseppe Bonaviri (1924-2009). Duas publicações que integram a coleção já mencionada “Letras Italianas” da Berlendis & Vertecchia. Beppe Fenoglio foi o décimo primeiro escritor a colaborar com “I gettoni”, com duas publicações: *I ventitré giorni della città di Alba* (1952) e *La malora* (1954). Mas é com uma obra póstuma que se apresenta ao público brasileiro: *Uma questão pessoal*, lançada aqui em 2001. Na Itália, a obra *Una questione privata* (1965) ganhou o Prêmio Puccini-Senigallia, o qual reforça a imagem que Fenoglio já havia conquistado em vida: a de um dos escritores mais interessantes da literatura italiana. Giuseppe Bonaviri, por sua vez, foi editado aqui no Brasil em 2002, com a obra *O rio de pedra*, tradução de sua terceira publicação. Estreou na literatura italiana por meio da coleção *gettoniana*, em 1954, com *Il sarto della stradalunga*. Por vários anos ele foi um dos indicados da Itália para ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, mas nunca conquistou o prêmio. Apesar de serem obras relativamente recentes – se comparadas com outras da segunda metade do século XX – não se encontram mais no catálogo editorial da Berlendis. A editora Berlendis & Vertecchia é reconhecida por sua contribuição na divulgação da literatura italiana aqui no Brasil. Inclusive, a coleção “Letras italianas”, criada em 2001 e ainda vigente, ganhou diversos prêmios. O catálogo dessa coleção é montado com o auxílio de agências literárias e de professores ligados à língua e literatura italiana.[7]

Considerações finais

Como se trata de uma pesquisa em andamento, apresentada inicialmente no Colóquio Pesquisas em Literatura Italiana Traduzida, as considerações aqui apresentadas têm o intuito de fomentar a continuidade da pesquisa e futuras reflexões.

Os prêmios literários italianos não parecem ter influência na escolha dos escritores traduzidos, até porque esses prêmios dizem respeito a uma literatura, a uma cultura, que não necessariamente se assemelha com a nossa. Mesmo que existam similaridades, ganhar ou não o prêmio não parece interferir na decisão final. Por outro lado, a temática das obras parece ser relevante de algum modo para o contexto brasileiro, contribuindo para a sociedade das décadas de 60 e 70, especialmente, se pensarmos, por exemplo, nas obras de Giovanni Arpino e Carlo Cassola.

Como mencionado, não consideramos as escolhas desses escritores, nem desses títulos, por parte das editoras brasileiras, aleatórias. São obras que levantam questões políticas, polêmicas, sociais... É possível pensar a sociedade, e questioná-la, por meio da literatura. Por isso, a tradução dessas obras não demonstra ser resultado de uma seleção qualquer, nem mesmo feita com a intenção única de entretenimento. Porque mesmo que, ao fim da pesquisa, se chegue à conclusão de que não houve um motivo histórico, político, social de traduzir essa ou aquela obra, que ela tenha, de fato, vindo ao público brasileiro para entreter-lo, ainda é possível pensar nas razões que o leitor precisa ser entretido. E por que é através de uma literatura estrangeira? São reflexões que permeiam essa pesquisa, seja de forma direta ou indireta, especialmente porque estamos considerando também o mercado editorial brasileiro, e buscando compreender a relação entre as editoras brasileiras e tais obras traduzidas.

Por fim, um outro caminho viável a ser seguido a partir das traduções identificadas até o momento, é a análise dos paratextos. Temos G. Arpino em 1963 e L. Sciascia, com *Candido*, ou *uma história sonhada na Sicília*, em 2014, e nesse meio tempo houve uma renovação editorial, inclusive nos paratextos. Mudanças que podem levantar importantes reflexões, tanto das próprias traduções quanto do mercado editorial brasileiro.

Como citar: ASSINI, Fabiana V. “Da coleção “I gettoni” para o mercado brasileiro: a tradução de escritores gettonianos”. In **“Literatura Italiana Traduzida”, v. 1, n. 12, dez. 2020.**

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/>

[1] Importante ressaltar que alguns escritores publicaram duas obras na coleção, como foi o caso, por exemplo, de Italo Calvino (1923-1985), Fortunato Seminara (1903-1984) e Ottiero Ottieri (1924-2002).

[2] Em 1964, *L'ombra dele colline* vence o Prêmio Strega.

[3] Após um colapso editorial em meados dos anos 1920, o então auxiliar de Monteiro Lobato, Octalles Marcondes Ferreira, consegue persuadir o escritor a constituir uma nova editora, tornando-se assim seu sócio. A editora Monteiro Lobato & Cia. Se transforma na Companhia Editora Nacional. Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2017, pp. 385-386.

[4] Sobre as alterações podemos mencionar: mudanças na capa, no projeto tipográfico e no uso do *layout* da página. HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 598.

[5] Uma informação a se considerar futuramente: em uma pesquisa *on-line* podemos encontrar outros títulos de Carlo Cassola em português. Porém, essas informações não estão em sites tão confiáveis do ponto de vista acadêmico. Como, para esta pesquisa, a principal fonte de pesquisa foi o Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida no Brasil. (Disponível em: <http://www.dlit.ufsc.br/>), desconsideramos por enquanto outras fontes. Para um estudo posterior, mais aprofundado, pode ser possível chegar a fontes e escavar melhor essas informações.

[6] HALLEWELL, Laurence, *op. cit.*, p. 731.

[7] Informações retiradas de: MARANGON, Leila. “Berlendis & Vertecchia e as Letras Italianas”. In *Revista de Italianística*, 33, pp. 50-60, 2017.017.

